

A misty mountain landscape with a lake and a small boat. The scene is framed by a green border. The mountains are steep and covered in dense green forests. A small boat is visible on the lake, and the overall atmosphere is serene and mystical.

POESIA MÍSTICA

CLAVIO J. JACINTO

POESIA MISTICA

CLAVIO J. JACINTO



Um homem fica
completamente
perdido em seu
espaço existencial,
enquanto não
encontra o seu
centro na pessoa
Bendita e Divina do
Senhor Jesus Cristo

Clavio J. Jacinto

Chão da Minha Alma

**Transbordante é o frio orvalho mais doce
Entre os lírios brancos de meus choros
Como torrentes de bálsamos aromáticos
Mais fértil que absinto de tempestades errantes**

**As borboletas flutuantes suspensas em mim
O néctar nesse admirável mundo novo
Fraudes de uma distopia que encanta cegos
Eu sou testemunha dessas sentinelas estelares**

**Eu grito ao vento que fere o hibisco
Minha voz empoeirada desse submundo
Naufrágios abissais de todas as minhas angustias
Portais caídos de todos meus desesperos**

**Mas os braços eternos da misericórdia
Colhem os coágulos acentuado de meus clamores
As dores fragmentadas dos meus lamentos**

Semeando elas na fecundidade do amor divino.

O FAROL DO NORTE

Anelo um por do sol eterno

Quem sabe um amanhecer de todo o sempre

A alva perene que incendeia as cores

Estrelas que alumiam o farol de minha alma

Anelo pela alvorada perpetua

A glória das águas em seu fulgor

Quem sabe as brasas do fogo da esperança

Aquela que cada manhã remove as sombras da vida

Mas ai de mim, pobre de coração fraco

Que procura as estrelas suspensas atrás das nuvens

E de ânsias no clamor de lâmpadas celestiais

Descobri que também preciso da escura noite

O NOIVO ATRÁS DA TEMPESTADE

*Quando meus sonhos partirem para a terra devassa
Onde as rosas não desabrocham e não doam fragrâncias
Ali no vale de todas as ruínas humanas eu clamarei
Como as chuvas que açoitam as relvas solitárias
Estarei tecendo a tapeçaria de meus gritos angustiantes*

*Quando meus pensamentos encontrarem repouso
Onde as petúnias se agregam em ornamentos eternos
Ali no chão intrépido de meus medos adormecidos
Como troncos de orvalhos caídos em florestas escuras
Estarei compondo a canção de minha despedida*

*Fui homem que passei por esse mundo tão sofrido
Embarquei na nau de dores e alegrias nesse mar bravio
Procurei seguir a alva que me desse destino seguro
Pois encontrando nas núpcias vitais da estrela da manhã
Achei no fim a rocha, na noiva que segui ao porto seguro.*

CORAÇÃO FERIDO.

I

*Quantas dores nesses árduos caminhos da vida
Lençóis de nuvens de mágoas cobrem meus "ais"
A intrépida flor de verão é a chaga da minha alma
Puro véu carmesim que tinge meu sujo rosto*

II

*Quais tempestades que semeiam mil trovões
Trêmula minha alma desaba nesses temporais
Confins da vida que ressoa nos meus pêsames
A eloqüência de tantos lamentos lapidados*

III

*Meu coração procura um abrigo e repouso
O vento belicista arrasta minha esperança
Não há consolo nesse ermo de gládios sangrentos
Perdida está minha vida nesses espinhos*

IV

*Mas da noite dos açoites ouço gemidos
Dos sofridos cravos que rasgaram as mãos
Do Cordeiro mudo que no silêncio mais fecundo
Atravessa os séculos até meus ouvidos*

V

*E na sequeidão de meu desespero árido
Abro os olhos de minhas chagas neste portal
Onde as gotas de amor escoam nas profundezas
Chegando até o pó desconsolado de meu ser*

VI

*Erguendo-me desses farrapos de abrigos
Numa saída das regiões íntimas do abismo
Encontro a esperança incrustada de perdão
Que reveste a minha alma de todos os balsamos*

VII

*Agora revestido de tantas consolações
Procura na rua das calamidades todo o meu ser
E sendo completo dentro de tal bem aventurança
Prossigo para o alvo; o cume da eterna existência*

O PASSAR DAS PRIMEIRAS COISAS

I

*Quem dera-me meus prantos vastos eloqüentes
Nas folhas caídas dos meus prados equinociais
Anseios que passam por sentinelas no peito cáustico
Com destreza de dores em ácidos perfumes lacrimais
No rogar da vida além de meus pêssames incolores
Na hora triunfal do passar das primeiras coisas*

II

*E eu tão aleivoso nessa rústica teimosia
Nas conchas vazias de minhas vitais agruras
Sonhando alto nas minhas baixezas empoeiradas
No mesmo timbre da voz de todas semeaduras
Quando as palavras caem germinadas no alento
Desejo o passar das primeiras coisas num momento*

III

*Tais quais minhas suturas na voz acédia
Em que vejo o monumento dos desatinos frios
Erguendo perolas de desespero na vil utopia
Em que meus ideais fracassados foram fabricados
Nesse momento em que as conjecturas se quebram
Eu aflito aguardo as primeiras coisas se passarem*

IV

*E passando as primeiras coisas dessa criação
Quando o falso enlevo se apaga na covardia
Nas masmorras de um aflato que me segura
Revestida as novas coisas de prisma tão eternal
No orvalho de "aleluias" que se eleva em tom celestial*

Secou-se enfim meu ribeiro alquebrado de lágrimas

Fragmento da Plebe Perdida

I

**Quão perene é a minha vida nesses regatos
Entre os lírios e os ventos de meus sorrisos
Da imensidão dos esconderijos de estrelas leves
Nos arquipélagos de meus óbitos mares suaves**

II

**Nas ternuras de meus temores imensuráveis
A vastidão de todas as faces da minha alma
Nesse orbe de loucuras que faz tremer o céu
Arrasto as correntes devassas de tais rebeliões**

III

**A inumerabilidade das estrelas em espirais
Maiores que meu coração que segue abismo
Das mãos insurgentes desse naufrágio temeroso
Peço a Deus socorro nesses suplícios pesarosos**

IV

**Meus pobres terrores navegam no plasma
Nas intransigências atômicas de todos os sustos**

Por aonde vou carrego esse fardo de vergonhas

Mas peço a Deus socorro nessa condição medonha

V

Que jaz o tacanho de tantas bagagens humanas

Da voz azáfama que ao poente que quietude conduz

Eu maltrapilho esmoleiro da graça mais divina

Ouço do augusto céu a voz que aponta pra suma cruz

CAMPO ÉBRIO DOS MENDIGOS

Abri a janela do entardecer da vida

Nos trópicos dos cimos vendavais

Fardo egos encima de dromedários

Bárbaros lúcidos encharcando temporais

Eram arcos presos escravos de vão orgulho

No vôo de um Ícaro sem asas brutais

Vi assustado tantas breves vidas prodigas

Nessas lapides circenses de pêsames abissais

Beijem os lábios dos vassalos sonhos

Onde tais homens sorvem os cálices amargosos

Ébrios saem mundo afora na blandícia do querer

Corando na vergonha de fracassos pesarosos

Mas que dessa escuridão profunda quietude

Nas vésperas dessa necrose vil sagaz

Aos lamentos chuvosos chora e mais alude

Quando adormece envolto no desejar a paz

*Ergue, pois os olhos para as intimas alturas
Numa ânsia de feroz grito aqui embaixo da Babel
Que perece ouve aqui nesse covil de agruras
Percebendo que a esperança só vem se for do céu*

PRIMAVERA DO AMANHECER

I

*Haveria eu em vão adormecido?
Nessas noites floridas de estrelas suspensas
Jardins portáteis de meus sorrisos neutros
Amortecido em meus fracos olhos sedentos*

II

*Olhando para tão longe nas chamas da aurora
Quando erguiam e mais distante ardiam
Enquanto sonhava com o paraíso de Milton.
Fogo e luz dos montes úmidos reluziam*

III.

*As demandas de cânticos de rouxinóis
Que das montanhas o frescor emanava
Sinfonias magistrais de hinos sacros
Que entrando em mim mais transbordava*

IV

*As cordas dessas nuvens me prendiam
Que desprendidos da noite fulguravam
Frente ao sol contraste e luz que emanava
Raios lindos as luzes transbordavam*

V

*Acorda minha alma! Desperta nesse esplendor
Caiu a noite e sangra as sombras passageiras
O novo desabrocha desde a ponta dos espinhos*

E a alvorada toma o tom de rosa inteira.

MONTANHAS PERENES

**Das montanhas distantes um porto perene
Singrando navios de sonhos incendiados
Imaginarias naus de toda infância inocente
Numa constelação profunda de todos os sorrisos**

**Quando o porto do norte descansa nas nuvens
Almas da madrugada revestidas de arroios
Aquele repouso de todos os orvalhos em pétalas
Nos faróis de uma cadente estrela aos olhos**

**A boreal aurora de meus olhos brilhando
Ao ver fecunda luz dos espaços no infinito
Que reluzem em glórias refulgentes na geada
Sobre as flores das laranjeiras silenciosas**

**Que doce é a vida! Numa infância alada
A alma nostálgica com seus fardos de saudade
Coração tristonho orbitando bolinhas de gude**

Lábios puros beijando amoras silvestres

Ao despertar do sonhar tão acordado

Olhando pra minha solidão infausta e sagaz

Relembro os tempos épicos de meu passado

Inconformado, lamento, não voltam mais.

MARCHA SANGRENTA

**Quando caem as folhas no começo do inverno
Como asas partidas da estação que voa embora
Nos jardins desfloram rosas que choram orvalhos
Nos prados choram lírios que desbotam ventos**

**Quais chagas enlutadas de dores fecundas
Que frutificam amargas gotas de suores trópicos
Nas férteis plagas desses dilúvios de dores
A alma flutua nas turbulências desse caos**

**As torrentes de essências jorram aromas
Os olhos lacrimais dessa noite de lua acesa
Nos lagos estão atados as fabulas de tais poemas
A vida segue rente ao plácido dilema**

**Quando imprime o selo dessas ventanias
No chão desse coração cárcere tão frio
Ai de mim que me arrasto nessas celas vazias**

Onde os vasos são sepulturas de flores

Toda a erva que rasteja na face da terra

Canta celebre ao tom de minhas amarguras

Para que irrigue o baldio de meus pensamentos

Para tentar germinar toda esperança

E eu dando as mãos a todos sofredores

Faço junção ao grito de todas as calamidades

Na certeza de consolo a todas nossas dores

Descanso na promessa das sublimes verdades

E sendo agora um dentro dessa multidão

Desses que gemem no cume de tantas agonias

Buscando sorver da graça dentro do coração

Ressurgindo forte dessa estação morta e fria

Marchando dentro desses fortes vendavais

Uma lâmpada vital em tão densa escuridão

Fortalecendo a alma toda ainda mais

Crendo firme que a fé jamais será em vão

CAMINHOS E ESTRELAS

***Há no céu muitas estrelas
Mas só a luz do sol ilumina o meu caminho***

***Há muitos caminhos no mundo
Mas só um que conduz ao meu lar***

***Há muitas flores nas montanhas
Mas o perfume, sinto a que desabrocha no meu
jardim***

***Os mapas apontam para todos os lugares
Mas o caminho seguro é o bom conselho***

***A vida é feita de muitas escolhas
Mas a mais importante escolha é ter fé em Deus.***

LABOR DE UM ULTIMO SUSPIRO

**Ceifado está meu coração jaz em flores
Nostálgico no néctar das borboletas sonolentas**

**Como alma sólida desprendida dos orvalhos
Náufraga na relva do chão da minha vida**

**É melhor a solidão com pensamentos fecundos
Do que a multidão das imaginações estéreis**

**O olhar que contempla a estrela da manhã
É mais profundo do que os olhos da escuridão**

**É melhor descansar no jazigo de meus sonhos
Do que na agonia das tempestades de meus desejos...**

A Glória da Imortalidade do Amor

**No claustro de teu olhar eu vejo um grito
Um caos de lágrimas perdidas que ferem
Clamores flutuantes num universo de sorrisos
Gritos sufocado num infinito de sonhos**

**As prisões dos sentimentos nos libertam da terra
Duas almas se unem para formar o cosmos
Na imensidão de tantos beijos nascem estrelas
No depósito dos abraços nascem outros princípios**

**Os bramidos desses mares de declarações fortes
Impérios de muros que nos libertam da morte
Que gladiam contra a infausta fatalidade
Até que o amor germine fecundo na imortalidade**

**E dessa glória do coração que emerge em lírios
Nas canções elevadas que perfumam as harpas
Nasce o sol de toda a esperança logo a nossa frente
Apenas esperando que o amor germine para sempre**

Mergulho Profundo

Desci ao âmago das minhas amarguras

Na intensidade tempestuosa de todos os meus “ais”

Revolvi o granizo das torturas emocionais

Nessa escuridão das dores e vendavais

Vi abaixo das sombras uma luz gloriosa

Nas entranhas dessas profundezas uma mão poderosa

Ali estava formando uma perola tão gloriosa

Dos átrios de assombros dessas férreas feridas

A preciosa esperança iluminando a vida

INFANCIA MILITANTE

Foi à vida com ternura

A Infância que jaz no passado

Na militância dos meus sonhos

Entre tantos vendavais sossegados

Hálito das Montanhas torturadas

Por sopros ácidos de tempestades

As árvores sobreviventes dos tormentos

Serão fundos de Naus corajosas

Que confrontam ondas encapeladas

Que resistem tais fraturas

Ah! Volto ao assunto...

...A minha infância jaz em serenidade

No tumulto insólito da saudade.

Infinite Dreams (Sonhos Infinitos)

Mergulhei o coração aos gritos nos mares
Átrios perenes de vassalos brados de cárceres
Angustias pairam nas ondas dos íntimos vendavais
Meus pêsames que mais aludem nesse duro cais

Quais brandos vãos no fundo do mar vazio
Nas poeiras que descansam nas profundezas
Onde meu coração uníssono reclama de dores
Nos arroios de tempestades do arco das cores

A estampa fria desse rosto de cerâmica torcida
Como árvore de cume que se retorce aos furacões
Quando no fundo desse mundo de águas revoltas
Lapida as intempéries as crostas e os cascões

Dos mil corsários com espadas de aço viscoso
Como as nebulosas de um universo causticante
Eu arremesso as minhas angústias no chão náufrago
Nas brechas das carnes do coração ferido no instante

Dessa polpa de lágrimas do choro que se rebela
Das póstumas cicatrizes que nas plagas finda
Ressurgiu do fundo desse cofre de infortúnios, quão bela
Revestindo o coração uma pérola mais linda

A VOZ POR TRÁS DOS MONTES

Não deixarei meu coração em pedaços
Nem abandonarei minha alma ao frio
As fontes do medo germinam assombros
O véu das sombras lamentam o meu pó
As incertezas da vida cantam pra mim
Mas outra voz ouço, além dos montes

Não temerei o susto noturno que chega
O cálice dessas amarguras que tanto roga
Despojar meu coração das doçuras do amor
O céu retumba sob as vestes áridas
As agruras do manto de dores tenazes
Mas outra voz eu ouço além das campinas

Prostrado no pó de face corada na rua
Como a perola que se parece com a lua
Não deixarei a minha alma presa aos apertos
Aos monturos rebentos de meus desacertos
As incertezas da vida cantam pra mim
Mas ouça a voz de Deus além das montanhas.

Cicatrizes da Redenção

Vi a face corada do destino

Entre o ridículo e o azar que pairou

Sobre as sombras de falsos amores

Que um dia vieram com falsas promessas

Disfarçadas de sorrisos desabados

Como espinhos rasgando as paginas da historia

Entre petúnias e gerânios no inverno

Nas lagrimas que umedeciam o pó do destino

Vi as palavras doces se azedarem no tempo

Num mar de fel que escoou em arroios

A lama que sujou minha alma de falsas esperanças

Mas eu prossegui em meus sonhos

As causas desses desatinos eram silêncios

Que se juntaram numa constelação de dores

Entre as estações pendentes na neve azul

Brilhando como luzes natalinas entre os olhos

A figura predominante daquele portal de sonhos

Meus sorrisos congelados

***Eu prossegui, e a tênue penumbra pairava
Sob o sol que brilhando tudo esclarecia
E quando percebi já era um glorioso novo dia
Em que o sol da justiça sobre mim brilhava
Ali redimido de todas feridas eu estava
Grato a Deus por ter superado as decepções***

Candura

Eis o novo dia de irrevogáveis canduras

Erguida das caladas dos poentes

Madrugada flutuando no frescor noturno

Entre o barro e os matagais molhados

As flores silvestres tingem o céu azul

Os grilhões dos nevoeiros prendem sombras

E no império dos sonâmbulos

Fingimos dormir

Nas torturas dessas nostalgias perdidas

Lá estão no chão do coração, saudades

Encontram-se escondidas dentro de um velho coração

Caustico Conflito

**Uma armada de rosas singra os mares
Nas revoltas de gládios de aços espinhos
Corsário de canforas em ventos perfumados
Canhões que ornamentam a praia das sombras**

**As naves dos campos em pousos retorcidos
Ricocheteiam ali as gotas de tais tempestades
As dunas armadas de coroas desoladas
No cimo do monte de espadas prateadas**

**E nessa guerra épica de ervas e flores
As libélulas cantam na harmônica brisa do destemor
Guerreiam rosas lírios palhas e madressilvas
E da batalha ergue o estandarte: vence o amor**

Labor de Minha Alma

Como alma de orvalho desprendido

Na relva pálida da minha vida

é melhor a solidão com fecundidade

Do que a turba remetida á superficialidade

O olhar que contempla o belo

É mais profundo de quem adormece na indiferença

Eu descanso no jazigo de meus sonhos

Pois é melhor do que a tempestades de meus desejos

Ceifa o meu coração as flores

O doce néctar das borboletas caídas

**Pois no solo da minha vida contemplativa
Encontro as sementes da toda minha esperança**

A QUEDA

**Caem as estrelas do céu da minha boca
Jazem silenciosas nas praias de minha língua
Messe outono de marés de flores
Nos trópicos das montanhas do norte
Ilhas de minhas demagogias
Monarquia sólida de minhas sentenças
As coisas se açoitam o coração esperançoso
Fortalecem as virtudes no homem interior**

Portais do Ultimo Inverno

O frio traz doçuras na alma da macieira

Flores que pintam os contornos das praças

Cerejeiras floridas em campos de sonhos

A ígnea luz da aurora em campinas flamejantes

Mil clarões nas ruas dos pirilampos

Imensas roseiras em vales utópicos

Estações chuvosas irrigam a elegância

Os gritos de arbustos rasteiros nas charnecas

Atrás do vento as partículas de perolas

Sobras de diamantes lapidados nos açoites dos mares

E cada homem dessa visão estigmatizada

Celebra a loucura do advento da indiferença

Todos os dias o universo apresenta espetáculos

Ainda que estejamos presos as circunstâncias

De nossos problemas....

Cais dos Temporais

*Sobre mim dispõe aquelas formas de meus medos
Bagagens que pesam a nau da vida
Pedras tenazes de um caminho angular
A tintura acelerada de meu inteiro
Nas profundas águas de uma Sibéria congelada
Nas encostas turbulentas de Martin Vaz
Nas vísceras do equilíbrio dos vendavais
Retira-me meu Deus dessa tragédia!
Desse mergulho febril e tão sagaz
Segura a minha alma tremula e insegura
Que arde em fogo nos relâmpagos da tempestade
Poe o sopro hálito do Éden na minhas feridas
Tua medicina que se compraz na Tua santa
vontade*

Reflexo na luz do Farol

Quem deveras compreendesse o puro amor

Como mil ervas que desabrocham em flores

A luz do sol que me abraça após mil chuvas

A esperança que germina depois das dores

Quem compreende a compassiva caridade

Ao auge do fogo que crepita no escuro

Dissolvido nos cântaros de todas as vaidades

Que me remete a posse incerta de tais futuros

Veria que em estradas de êxtases intelectuais

Viajando nas asas de pensamentos peregrinos

Nas cômicas risadas de todos os meus desatinos

Quando nos portos de pedras em vagos fanais

Brilhando na retina naufragada das cordas vocais

Eu em face enrugada chorando não ser mais menino

Balsamo

Calmo está meu coração nessa terra

Nas batalhas que a vida trava em breus

Ostentando o véu amável de vestidos

(Púrpuras)

O interior tingido dessa tintura de

(Calvário)

Quais chagas perfumadas por espinhos

Fluem balsâmicos gotas de consolo

Que consolam o coração aflito

As grandezas desse tão esperançoso

(alento)

Fertilizam as raízes dessa minha loucura

Que saíram das profundezas amargura

Das trevas da tarde meu esconderijo

(Daquela rude cruz)

Toda a minha escuridão mortal de assombros

O âmago de meus olhares sombrios

Dissiparam-se na glória da ressurreição

(O terceiro dia)

Pardais carregam a alma dos pensamentos

Pinceis das flores humildes do campo

A essência que emerge da outra dimensão

Vale das relvas que guardam o aroma das chuvas

Cordas de amor me prendem

Nos sonhos dessas paisagens do infinito

Das alturas dos cumes sopram

Hálitos celestiais que acalmam a alma

Bendito é o coração que conquista

A felicidade pela humildade da simplicidade

EXODO DAS TREVAS PARA A LUZ

I

Erguemos a luz na tempestade

A vida incomum das sombras solitárias

Jazem tombadas no chão das dores

Meus desencantos

II

O vento está calmo no céu cinzento

O nevoeiro suave de meus sopros bucais

A ardilosa tumba do barro frio

me congela em medos

III

Muitas vezes as palavras fogem

O mar agitado dos murmúrios

Selam as nossas sombrias incertezas.

IV

Que refulgente é a luz da manhã

No frescor puro de perfumes silvestres

A glória da esperança que renasce

Aquece meu coração

V

Como as trevas daquela tarde de pavor

Que escondeu a face de Cristo na cruz

Mas o rosto do Salvador brilhou sobre mim

Na ressurreição

(Épicos Lamentos)

O campo das flores é o vasto oceano que navega meu coração

E se tiver que naufragar

Então que seja nas fragrâncias das rosas silvestres

Pois é nas profundezas

Que os espinhos rasgam o véu de todos os meus sonhos

Para que a alma possa sangrar sorrisos

Alma Peregrina

**Caem as pétalas das flores silvestres
Tristes lágrimas do tempo que chora
A primavera que vai embora
Minha alma pega carona
O infinito caminho das cores
Meus suplícios vermelhos de todas as dores
Um sentimento sufocado e angustiante
Os grilhões rompidos de cada instante
Nesses calamitosos e ondulados mares
Crisântemos nos jardins estelares
A apólice de meus segredos perdidos
No rochedo de um coração fendido
Escoam todas as doçuras dessas chagas
E quando me dei conta dessa situação
Já era dia aberto de luzes da alvorada
A minha pobre alma estava curada
Deus tocou nas ressonâncias profundas
Limpou-me dessas agruras imundas
Tão somente flutuo na imensa liberdade
De tal mundo antigo não tenho saudades
Apeguei-me ao mundo vindouro
Para nunca mais sair dele...**

DERRAMADO

**És refugio de minha alma mui grande esperança
Tu és meu amado, meu coração É tua morada
O cântico que desabrocha em minha alma redimida
Me faz viver o momento esperando dia e noite por ti
No caminho desse amor. prossigo te amando
Deus meu, que em sagradas paginas se revela
Em Verbo vivo misericórdia e benevolência
Tua providencia e redenção, minha alma anela
és refugio seguro que tanto me consola
Meu amado, que me amando, me faz mais ser
O cântico da mais pura devoção que se eleva
Eu te espero mais e mais, és a vida que me faz viver
Quando enfim, ao me amar, me fez amado
Porque me amando, também meu amado és
Por não ter na terra, onde mais ficar prostrado
Minha alma se derrama completamente aos teus pés**

Visionário

**Oh que doce olhar e amarguras
Por onde vejo a saída
Desse desespero humano?**

**Quais cais que aconchego
Em açoites de tantas branduras
A alma desterrada na terra de Adão**

**Eis que das densas trevas fujo
A resolução:
Ofensas do passado resolvo com o perdão
Problemas do futuro resolvo com a fé**

PERDÃO

**Quero seguir em frente
Ao Calvário olhar e aprender
O que no Golgota aprendi?**

**A cruz me ensinou
A mais elevada lição:
Não há ferida que seja tão profunda
Dentro da alma
Que não possa ser curada pelo perdão**

TEMPESTADES

O que é a vida?

Cheia de dores e alegrias

Cheia de primaveras e tempestades

Cabem a nós pobres mortais

Explicar:

A vida é um mar louco

Aagitado por ondas de espinhos e rosas

E cada um de nós morre

Entrando no além com a alma

Cheia de cicatrizes

(Lágrimas e temporais de Abel)

I

Chora Abel em lágrimas de sangue

A dor da perda da vida

Chora pelas chagas do ódio

Pelas trincheiras da inveja sórdida

II

Chora pela peste da violência

Por todas as ressonâncias da injustiça

Chora e declara com veemência

As lápides décimas de todas clemências

III

Chora as póstumas suturas

Do breu nuance de tantas loucuras

Não te cales pois que a dor te abala

Depois de morto ainda nos fala

IV

As faias derramam frias agulhas

A língua inflama o fogo da espada

Nas intrépidas searas que dos ais debulha

As lágrimas que nos rebanhos é derramada

V

Chora até o (imago) da tese corcunda

Nos antros silícios de um submundo

Das vértebras lacrimais que do pó redundam

Das vestes tingidas de Vermelho profundo

VI

Chora Abel em discurso infinito

Pois desejo ouvir ainda mais teus gritos

Chora até o breve mundo todo se acabar

E no teu silêncio, irei mesmo eu chorar

Primavera de Todos Meus sonhos

A candeia do dia está acesa

O frio da noite deixou a nostalgia

Todas as formas de nevoas cobrem meu rosto

Estou escondido nos pormenores do néctar

Fragrâncias de relva molhada

A lâmpada da vida se consome

Entre angustias que amadurecem em esperança

Em saudades que transmutam sorrisos

As paginas de uma borboleta

Que abre as asas para narrar a libertação

*O fogo crepita nas chamas e fagulhas
O vento inflama os mares secos do alento
Fraco estou nas turbulências das brisas
Minha alma toca as pétalas azuis
O frio das águas celestes em gotas de orvalho
Levanto-me desse jardim do despertar
As jazidas de lágrimas estão cheias de pedras preciosas
Preciso colher as núpcias das roseiras
As fabulas que acolhem os sonhos
Por fim, antes que seja a minha tarde
Desdobro o tempo para viver contigo
Os nossos dias...*

(Babel)
*Ergue em Sinar uma torre
Babel de todas as confusões
Orgulho humano que se inflama
O humanismo que se derrama
No leito de todas as ilusões
Uma torre de potências falidas
Do homem antigo tão caído
Que dos tijolos frágeis ardidos
Vem desses aplausos da vergonha*

*Dessa calamidade mais medonha
Para semear todas as contendias
Disseminar toda a idolatria
Berço do ocultismo e da astrologia
(espírito do erro) e de bizarras heresias
Torre da altivez opulência sagaz
Nos tormentos desses labirintos verbais
Ecoa as injurias frias de babel
E do juízo divino que sobre ela recai
Desmonta e cai como papel*

Arroios da Graça

Tu és fonte dos bálsamos

Caminho que percorre meu desespero

Até os confins de todas as consolações

As chagas famintas

Tentam devorar meu pobre coração

Teu nome é medicina e forte amparo

Meu Consolo em guerras tardias

Fortaleza em batalhas arcaicas

Em Ti encontro alento

Minha pobre alma cambaleia ferida

Tua mão que tocam os pântanos

Fazem desabrochar os puros lírios perfumados

Unta meu coração desconsolado

Tua sombra será meu eterno abrigo

De alma desterrada no mundo e abandonada

Terei do cetro das Alturas, meu grande Amigo

As constâncias de arroios refrescantes

O amor que tanto anseio todo o instante

O Peso da Escuridão do Mundo

Outrora meu coração era baldio

Cheio de traças papeis furados e calafrios

As frestas de paginas rasgadas na dor

Tumbas couraçadas que prendiam minha dor

Cascalhos frios de têmporas sinfônicas

Eco que me assustava como arcos atômicos

Da minha solidão trágica que da sebe eclodia

Da profunda noite e astros de fim de dias

As larvas da miséria no pó do chão de Adão

Nas ternuras falidas de últimos suspiros

No holofote de cósmicos sopros da escuridão

Configuram os tempos de minhas perdas da vida

Quando nos terminais das ervas findaram

As dores de vastos épicos de desventuras

Perdi todas as vias que o mundo me oferecia

Ganhei um caminho de glórias futuras

PEREGRINO

***A minha alma está vinculada as estepes
Da constelação de cocheiro
Campo minado de todos os meus fogos de artifícios
Caminho de todas as minhas celebrações
Vereda de todas as minas peregrinações
berço singelo de minhas alparcas
Terra verde de minha alma indigente***

***A minha alma está vinculado ao cruzeiro
Berçário de supernovas túmulos de luzes
Nesse mar de sonhos tranqüilos
é o solo fértil que germina minhas fantasias
Eu adormeço todas as noites em terremotos
Para despertar no poente de toda esperança***

(Estação da Imortalidade)

I

O tempo das flores não passa

O reavivamento matinal é a luz do amanhecer

A glória do Trono entre as constantes de amor

Onde o mito se finda a caridade germina

Pois de uma oração vem a relacionamento

Das crenças elevadas o poder de prosseguir

II

Dos cais das pedras que estabelece os fundamentos

Nunca adormece a alma da equidade

Porque das madrugadas que destilam orvalhos

O esplendor das estrelas concebe sorrisos

Onde os olhos contemplam o maravilhoso

A incredulidade se reduz a escombros

III

Sou mais homem nas minhas fraquezas

Mais imortal na minha mortalidade

Porque onde acabam meus méritos falidos

Encontro o poder do sangue do Cordeiro

E desse manancial que flui todas as bênçãos

Dele bebo dia após dia em meus desesperos

E nos braços da graça acho eterno alento

Universo do Verbo

Pulsa meu coração

Estrelas dentro da minha alma

Universos de infinitos

Entre centelhas e escuridão

A minha alma por ti suspira

Ao tocar no portal da transcendência

Onde o Verbo desceu em carne

Limpando os trapos de meu caminho

Aluminado as minhas sombras

Desde o ártico de todas minhas indiferenças

Até o despertar do novo dia

Onde o triunfo da estrela da manhã

Sela para sempre a vereda de meu além

Dependente

I

**Sou dependente dessa misericórdia
Que se faz ancora que firma minha alma
Para que os vendavais do desespero
Não levem a mim mesmo
Para o infinito de todas as loucuras.**

II

**Sou dependente dessa chuva de amor
Que chega até o deserto do meu coração
Transforma esse chão duro em terra fértil
Para desabrochar fragrâncias e frutificar doçuras**

III

**Sou completamente dependente da Graça divina
Para receber a luz necessária
Para enxergar que minha justiça é trapo
A minha vida nada mais é do que nada
Se Tu senhor, não fores o meu tudo**

Porto de Minha Alma

Do porto do meu coração vou partindo

Fora de minha imanência

A transcendência até o lugar da luz

Quero encontrar o Verbo

Pois das fontes desse encontro

O corruptível se reveste de incorruptibilidade

O mortal de imortalidade

E minha alma se saciará da eternidade

Que somente Cristo pode dar

Peregrino

**Se em fonte transborda tristezas
Nos caminhos de margaridas silvestres
Tintura de vinho doce do céu da tarde
Eu choro perante as vésperas da angustia**

**Das verbenas que florescem no meu caminho
Samambaias e espinheiros brancos ensaiam
Quando áridos sonhos povoam a noite gritando
Tristes lembranças harmônicas da vida inteira**

**Ao mar lamentos do oceano profundo
Que submerge até o topo do mundo
Nesses dilúvios sacros dentro de mim
Tento repousar na mais polida das pétalas**

**Estendo as mãos ao céu de estrelas eternas
As núpcias das palavras na alvorada nova
Nessa causa de tocar os sonhos do firmamento
A luz da manhã fertiliza meus olhos moribundos**

**Em êxtase de luzes e vislumbres de alegrias
Quando o fogo de alvuras aquece a visão**

Cândidas contemplações desse olhar amoroso

Estou feliz, pois tudo se fez novo

Anônimo

**As ancoras dessas nuvens caem
Nos portos do chão da alma
Fragrâncias acrimoniosas de olhar de crisântemos
Embriago-me saudavelmente no silencio
Dessa minha solidão
Ausências germinadas no sulco do amor
Nesses intrépidos vôos imaginários
Arranco os frutos de um sorriso tristonho
Nas ondas de pensamentos anônimos
Enclausurado em paredes de chuvas
Morrendo de frio...
Nessas solidas decepções da vida
Choro porquanto aguardo a senda sagra
A saga da fé paciente
A descida da consolação celeste
Que vem das mãos do Senhor**

(Campo das Névoas)

**Abre Senhor, os olhos da minha alma
Para que possa fugir das sombras da indiferença
Não quero chorar águas de cerimônias falidas
Nem mesmo olhar para o noturno da escuridão
Como o reflexo trágico de minhas justiças
Como se fosse um ente que perpetua a incapacidade**

II

**Abre Senhor, os olhos do meu coração
As trevas dominam esse mundo vazio
Jaz perante arroios secos esse mortal frio
As charnecas tornaram-se campo estéril
As rosas juntas louvam a tristeza pulsátil
Como a supernova derramada no cosmos**

III.

**Abre Senhor, meus olhos dentro de mim
Como peregrino lacrimoso com vasilha de azeite
Carregando uma lâmpada acesa na noite
De todas as minhas desolações tardia
Pesando sobre minhas ansiedades nocivas
Porque só tu és a minha eterna esperança**

Libertação

Desapego-ME das ilusões terrenas
Numa libertação para o atemporal
Lá desejo chegar
Onde a misericórdia eterna
Me prende com cordas de amor
Nesse universo de compaixão
Desejo viver preso para sempre
Nessa bendita e eterna liberdade.

Mergulho

I

A erva do campo floresce no meio do chão da estrada, ainda que seja pisada pelos homens. Assim também é o amor de Deus, dado a todos os homens, embora seja pisado e rejeitado pela maioria deles.

II

Um coração blindado pelo egoísmo, não recebe com alegria a mensagem da graça de Deus.

III

Quão belo é o amanhecer após a escuridão noturna, porém o amanhecer será eterno os olhos dos que contemplam o Criador que fez todas as coisas.

IV

Na vastidão do silêncio que enclausura o coração numa reflexão profunda, germina a capacidade de entender a dimensão da importância da mensagem da cruz.

V

Posso sorrir depois de mil choros, porque muitas vezes as lágrimas que caem no inverno das decepções, germinam no verão da paciência, florescem na primavera da esperança e frutificam no outono da divina consolação.

VI

A missão de uma alma que ama a Deus transcende a vida terrena, todo o homem piedoso será um eterno adorador.

VII

A noite sangra orvalhos, a alma sangra lágrimas, mas a noite também faz as estrelas sorrirem e o Evangelho traz consolo ao coração ferido pelo pecado. A mensagem da cruz não termina com o silêncio da morte, porque o despertar da ressurreição brada o triunfo definitivo sobre ela.

Cálice de Amor

**Navego no frescor da manhã desses sonhos
Aurora da emancipação de minha felicidade
Por entre virtudes meu cálice transborda
Até os confins supremos da pura esperança**

**Onde nasce a vida sem os meus pesares
Na força da misericórdia que abre o céu
Onde vivo anelos profundos de anseios
Porque de cima vem a ordem da graça**

**Quão preciosa é a vida entre as flores
Como esses jardins paradisíacos do perdão
Mais trazem o deleite em terno descanso
Na obra consumada e perfeita de Cristo**

**Nessa perfeição de eterna redenção
Supera a minha alma as dores dessa vida
Como lagarta que tange o eco no casulo
E sai sorrindo da lama para a primavera**

Verbo Eterno

**Quando está sob o poder da inspiração, a vida se
imortaliza em palavras
Mas é somente quando amamos profundamente que as
palavras imortalizam a vida.
E tal é o amor que não deixa resíduos, senão fertilidade
E na essência da cruz revela a mais sublime equidade
Pois Deus sendo Pai deu seu único Filho
E a Palavra se tornou Eternidade**

**E que deveras fosse a vida tão sublime
Que pudéssemos ver o tom puro da verdade
Ainda nas vastas vozes de um eco ferido
Imortalizado no Verbo de outros silêncios
Que no Calvário que vai além da calamidade
Império de vozes que sussurram a noite
Estrela vespertina que se tornou realidade**

**Quando a vida enfim recebe frescor
Imortalizado em Getsemani de preces palavras
Tão somente rogamos a Deus, vida além de todas
Vaidades
Que imortal carne transfigurada no nascente
No choro prestes rios de lágrimas correntes
Na madrugada matriz de celeste caridade
O verbo da Palavra é pra sempre minha eternidade**

O grito que Ecoa do Cume

E do cume dos sonâmbulos, gritou o sábio com seu rosto virado para a luz das estrelas:

(...Os que tem esperança são aqueles que não perderam os olhos na noite. Os que esperam o arco Iris chegar precisam aguardar que a tempestade passe. A vida não é fácil quando passamos por aflições, porém é na lapidação laboriosa que o diamante se torna tão belo. Muitas vezes ouvir o silencio é a melhor forma de compreendermos que a vida fala mais alto quando paramos de gritar no desespero. As lágrimas podem irrigar o jardim de nossas consolações para que desabrochem as mais perfumadas flores da bendita paciência. Lembre-se de olhar para trás apenas para verificar que os passos de um homem sábio foram as cicatrizes que ele deixou na vida por escolher andar por um caminho verdadeiro....)

Paz nas Tormentas da Vida

**Quando mergulharmos num silêncio para refletir
E das turbulências do barulho da vida sair
Nas profundezas de uma piedosa meditação
Lá onde surgem os batimentos do coração
Procura em teu ser tudo o que seja mais santo
Sementes que foram jogadas no chão da alma
A santa Palavra que dá alento e nos acalma
Nesse estado de paz perene de graciosa piedade
Encontrarás serenidade dentro de ti
Quando soprarem tenebrosas tempestades**

Silencio Sagrado

Às vezes precisamos manter um silencio sagrado. Aquele que nos permite um mergulho mental para dentro das Escrituras, até encontrar na Palavra de Deus o pão necessário para sustentar toda a nossa esperança cristã, nossa mente deve estar sempre cheia das coisas celestiais, para viver para o Senhor, precisamos pensar nEle em todos os momentos da nossa vida.

Visão da Primavera

***Os Ventos sopram sobre os campos das aflições
Tormentos de uma tempestade existencial
Que irriga a terra de nossas dores***

***Um coração que não permanece em esperança
Em meio às tribulações
É como a primavera que nega o desabrochar
De todas as flores.***

Coração

Aplica o coração aos cumes do amor

De todo coração alma e pensamento

Com todas as forças toca o coração das estrelas

Como se elas fossem o destino da alma

Mas lembre-se:

***É inútil o elevar-se para as sublimes alturas da devoção,
sem antes fincar o coração nas profundidades da
humildade***

Via Piedosa

No caminho sacro de Enoque

Solitário por entre ermos e jardins

Prossegue resolutivo do destino

Companheiro da santidade

Amigo íntimo do Senhor das Alturas

Para lá segue seus passos

Ao encontro de Deus

Assim também feliz é aquele

Que consegue sentir a presença de Deus

Quando todo mundo parece o ter abandonado

Outono e Inverno

*Sombras dos ciprestes vagueiam
Pelas tardes frias de meu caminho
As folhas do outono caem na face do inverno
Breve as estrelas sonharão com a terra
Meus olhos fixos no firmamento
Nos portais da madrugada, contemplo
Pois o sino das rosas já tocou
As flores apareceram na terra
O tempo de cantar chegou*

A Noite

Vem a noite sombria

Cheia de montanhas vazias

A madrugada tão fria

Entre estrelas e a sinfonia

De insetos em agonia

Esperando o fim do seu mundo: a noite

Não temas a escuridão noturna

Porque é através dela que muitas flores

Desabrocham silenciosamente

Para dar mais alegria ao vosso amanhecer

Silencio

O caminho que o coração escolhe

Já não é de chão do barro de adão

Terra suada de lágrimas de agonia

Mas de firmamentos estelares

O terceiro céu mais além

Onde Paulo contemplou maravilhado

E nós almas sedentas de Deus

Desejamos beber da eterna fonte

Ouse permanecer em silencio

Pensando tão somente em Deus

As águas profundas que repousam na tranqüilidade

Refletem com mais precisão

O firmamento celestial

Caminho

O caminho do amor

Segue infinitamente do coração do discípulo

Até o coração do mestre

*Por um ato de amor ao próximo
Tocamos em Cristo por metáfora
Mas na essência
Será como uma ação que transcende
O ato figurado para a realidade objetiva.*

Portais

*Centelhas incendiadas de sonhos
Iluminam minhas noites antigas
Galáxias em espirais que dançam
Dilúvios de sorrisos no coração*

*Nesse infinito navega minha alma
Nos colossais portais do amor
Onde a luz incólume impoluta
Emerge em oceanos de universos
Para firmar meus anseios
Até que o eterno seja através de Deus
Parte incorrupta de minha própria existência.*

As Flores

*Aprendeí a ouvir o silencio
Mensagem do mistério das flores
Pois na singela beleza delas*

Encontramos a força do desabrochar nos campos

As flores recebem a graça das chuvas

Devolvem em repostas em dádivas

Entre espetáculos de tantas cores

O néctar recebe as abelhas e borboletas

Os homens ganham perfumes

JANELAS

***O céu rompe em tempestades de estrelas
Numa orquestra de silêncios que fascinam***

A glória das alturas permanece durante todo o tempo

***As vezes não enxergamos
Porque nosso coração fecha as janelas
Por onde podemos contemplar
As coisas maravilhosas***

Meditação

Quando um homem tem óleo sobre a sua cabeça, ferido ele na alma ou no coração não guarda as feridas dentro de si, porque o óleo desce. A função do óleo divino é descer sobre toda a nossa vida, e aonde o óleo chega, as feridas espirituais e emocionais são saradas. A alma e o coração curados podem experimentar uma vida piedosa saudável e com isso vem a experiência da plenitude do amor de Deus que nos dá completitude existencial. O óleo do qual falo é a presença do Espírito Santo que é dado ao regenerado, quando este creu que o esmagar da vida de Cristo na cruz garantiu o derramar desse óleo pela ressurreição do Cordeiro de Deus. Depois dessa presença, o homem regenerado não é capaz de disseminar ódio e vingança, mas tão somente o bom perfume de Cristo

A ALMA DO SACRIFICIO

Tão elevado é o valor do sacrifício por amor

Tão magnífica a sua profundidade de significados

Que se desprendendo de toda a glória excelsa

O Filho de Deus se sacrificou pelos homens

Fazendo com que o bem mais precioso entre nós

Seja uma salvação ofertada gratuitamente

Por um tão grande sacrifício pago por vida e sangue

Infinitamente rico em graça e santa misericórdia

Incalculável em preciosidade e riqueza divina.

A scenic view of a mountain valley. In the center, a calm lake reflects the surrounding steep, forested mountains. The slopes are covered in dense green trees, with some rocky patches visible. The sky is a clear, pale blue. The entire scene is framed by a thin black border.

Contatos com o autor:

Claviojj@gmail.com
(48) 99947392